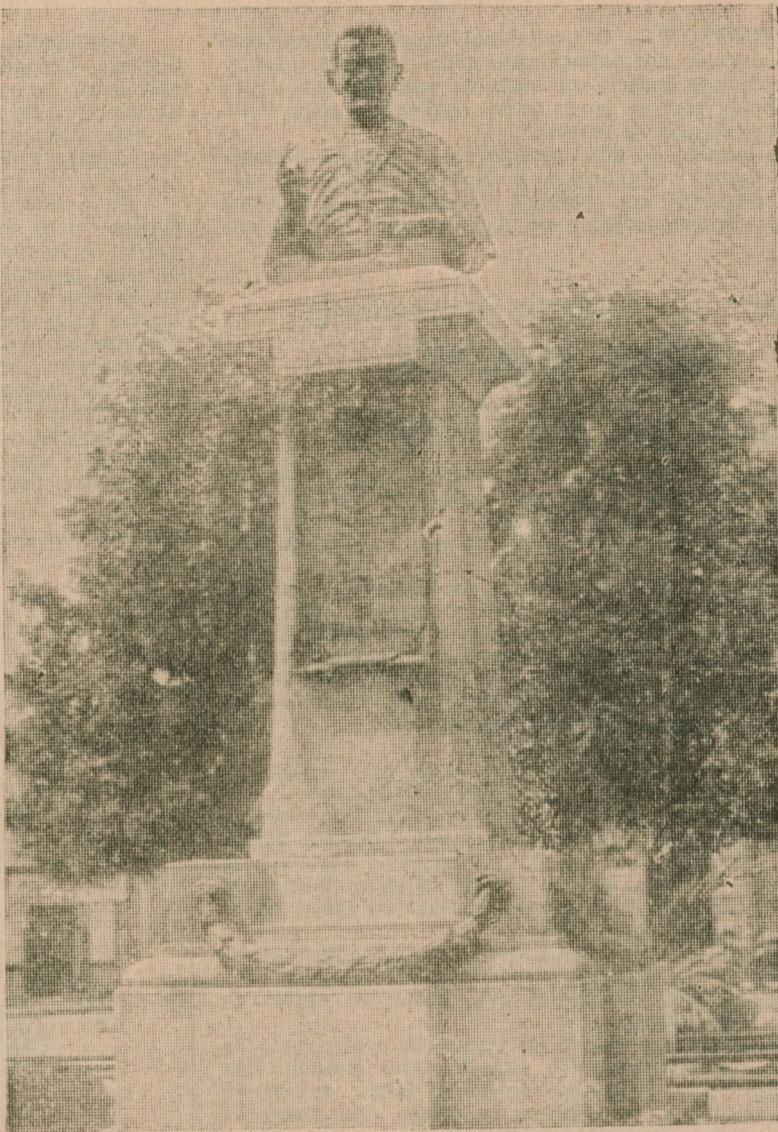


Nossa terra e nossa gente

**O MONUMENTO DESTRUÍDO**

C. S. F.

**D. José Pereira da Silva Barros - 1865 - Bispo de Dárnis - Apóstolo da fé e da caridade, benfeitor da terra natal**

Pouca gente em nossa terra conhece tão bem os problemas do Vale do Paraíba quanto uma senhora, radicada em Campinas, Dona Maria Teresa Marcondes. Nascida há pouco mais de meio século na Fazenda São Joaquim, Bairro do Mato Dentro do Macuco, Município de Taubaté, ela soube sentir profundamente o forte apelo do berço natal, do pedaço de chão onde passou seus verdes anos, do qual guarda fiel lembrança, embora aquele mundo querido se tenha fragmentado e se modificado, aos impulsos do progresso.

Dona Maria Teresa presenciou ainda os últimos lampejos de uma opulenta sociedade patriarcal; a fartura das velhas fazendas, onde se produzia de tudo: desde o algodão, que se plantava, ao fio e tecido, obtido nas roças domésticas; desde a cana de açúcar ao melado, à rapadura ao açúcar mascavo, feitos nos primitivos engenhos. De suas lembranças e experiências, escrevem um livro notável, fartamente ilustrado com fotos da época, um livro saboroso e poético, enriquecido de tradição e de folclore. Pois, pasmem os senhores: esta obra, "Tempo e Memória" apesar do valor cultural, ainda não encontrou seu editor...

Além disso, continua esta senhora a manter contatos com parentes, pessoas amigas

e conhecidas de varias zonas do Vale do Paraíba. Viaja frequentemente para lá. Recolhe cuidadosamente lendas e crenças, receitas de doces e cantorias, festas folclóricas e costumes, que em breve, desaparecerão, levados pelo progresso citadino, que nivela tudo. Entusiasta das tradições, amando sua terra, não pode calar-se quando percebe uma distorção, um atentado à cultura, ou ao bom gosto. E foi para contar o que andaram fazendo com um monumento de Taubaté, que nunma destas ultimas tarde, ela me telefonou. No dia seguinte fui à sua casa tão acolhedora e bonita, repleta de objetos folclóricos de sua terra natal.

— "Pois é, ando muito triste... A senhora nem imagina o que fizeram ao monumento a D. José Pereira da Silva Barros, que existia na praça principal daquela cidade... Pois o monumento sumiu, desapareceu misteriosamente, sem que ninguém nos dê notícias de seu paradeiro..."

— Mas um monumento não cria asas, Dona Maria Teresa. Alguma coisa andaram fazendo por lá...

— "Pois fizeram mesmo, e foi uma ingratidão. Será que os taubateanos mais idosos já se esqueceram, e os jovens nunca souberam nada sobre o monumento? Pois o homenageado, D. José Pereíra da Silva Barros (guarde bem o no-

me) gastou tudo quanto tinha em beneficio da cidade: reformou às suas custas a Catedral; construiu o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, o Hospital Santa Isabel, o único que funciona até hoje; a Santa Casa de Misericórdia e o Externato São José com capacidade para abrigar quatrocentas meninas pobres... D. José foi o vigário colado de Taubaté, deputado provincial, monsenhor, bispo de Olinda, conde de Santo Agostinho, Bispo do Rio de Janeiro e Arcebispo Titular de Dárnis... Era opulento; mas morreu na miséria porque deu tudo o que possuía a Taubaté. Alguém mais fez tanto por sua terra?"

"E veja — continuou Dona Maria Teresa — os taubateanos fazem a "Semana Monteiro Lobato", levam flores ao seu tumulo, cultivam-lhe a memória, o que aliás é muito justo. Mas, porque não levam flores ao tumulo de D. José? Porque deram sumiço em seu monumento. Peço aos meus conterraneos que recolquem o monumento em homenagem à sua maior figura. Chega de ingratidão. Que se mirem eles no exemplo de Campinas, onde, aos menos, os monumentos estão de pé, como os de Carlos Gomes, D. Barreto, Anchieta, D. Nery, e outros. E campineiro nenhum, por certo, se atreveria destruí-los..."